Volume II

Quinta Parte – 5a

Exemplos da Plasticidade em modelar formas no Mundo do Desejo

* * * * *

E neste caso, temos as galerias de fotos, os museus, os jardins botânicos e zoológicos de todos os países – "Magna sed Apta"[1] tinha espaço para todos eles, até mesmo para a sala de mármores Elgin do Museu Britânico, que eu mesmo adicionei.

Quantas horas de encantamento passamos entre os quadros e estátuas do mundo todo, removendo-os aqui e ali, ou talvez pendurando-os de forma diferente, ou colocando-os onde julgávamos ter uma melhor luz! A "Vênus de Milo"[2] mostrou muito mais vantagem em "Magna sed Apta" do que no Louvre.

E estando agradavelmente ocupados em casa, e para aumentar o deleite, nós conseguimos criar um mau tempo lá fora; choveu torrencialmente, ou então o vento norte soprava e a neve caiu sobre os desolados jardins de "Magna sed Apta" embranquecendo a paisagem até onde os olhos alcançavam.

Porém, mais perto de nossos corações havia muitas fotos da nossa época, pois éramos os modernos dos modernos, afinal, apesar de nossos esforços de autocultura.

Dificilmente encontrava um professor vivo ou morando recentemente na Europa, cujas melhores obras não estivessem em nossa posse, tão iluminadas e penduradas que até os próprios mestres teriam ficado contentes; pois tínhamos muito espaço à nossa disposição, e cada quadro tinha uma parede própria, de modo a fazer jus à sua beleza, e um sofá confortável para duas pessoas exatamente em frente.

Mas, no pequeno quarto onde mais ficávamos, uma sala com a janela mágica, tínhamos lotado com alguns pupilos especiais da escola inglesa, pois tínhamos tanto sangue

---

[1] N.T.: do latim: "grande, mas o suficiente", a nova casa e palácio de arte que Mary acrescentara a "Parva sed Apta" (pequena, mas o suficiente), a casa de sua infância.
[2] N.T.: A Vênus de Milo ou Vênus de Milo é uma estátua da Grécia Antiga pertencente ao acervo do Museu do Louvre, situado em Paris, França.

estrangeiro em nós que éramos mais britânicos do que o próprio John Bull[3] – *mais monarquista que o Rei*.

Havia “Autumn Leaves” de Millais[4], sua “Youth of Sir Walter Raleigh”[5], seu “Chill October”[6]; “Endymion”[7] e “Orpheus and Eurydice”[8] de Watts; “Chant d'Amour”[9] de Burne-Jones e seu “Laus Veneris”[10]; De Alma-Tadema's “Audience of Agrippa”[11] e “ Women of Amphissa”[12]; J. Whistler's retrato de sua mãe[13]; o “ Venus and Aesculapius

---

[3] N.T.: John Bull é uma personificação nacional do Reino da Grã-Bretanha criada pelo Dr. John Arbuthnot em 1712, e popularizada inicialmente pelos impressores britânicos e depois por ilustradores e escritores como o americano Thomas Nast e o irlandês George Bernard Shaw, autor de John Bull's Other Island, a Irlanda.

[4] N.T.: Folhas de outono é uma pintura de John Everett Millais exibida na Royal Academy em 1856. Ela foi descrita pelo crítico John Ruskin como "a primeira instância de um crepúsculo perfeitamente pintado". A esposa de Millais, Effie, escreveu que ele pretendia criar um quadro "cheio de beleza e sem tema".

[5] N.T.: A infância de Raleigh é uma pintura de John Everett Millais, que foi exibida na Royal Academy em 1871. Ela veio para resumir a cultura do imperialismo heróico no final da Grã-Bretanha vitoriana e na cultura popular britânica até meados do século XX.

[6] N.T.: Outubro frio é uma pintura a óleo de 1870, de John Everett Millais, que descreve uma paisagem escocesa sombria no outono. A pintura mede 141,0 cm × 186,7 cm. Foi a primeira paisagem escocesa em larga escala pintada por Millais.

[7] N.T.: famosa pintura de George Frederic Watts (1817-1904). Endymion de Watt é poético, um símbolo tanto da passagem do tempo quanto da estase, repetição e reciclagem.

[8] N.T.: famosa pintura de George Frederic Watts (1817-1904). A pintura a óleo Orfeu e Eurídice de Watts retrata a conhecida história de amor clássica de Orfeu e Eurídice. Orfeu, filho de Apolo com a musa Calliope, casou-se com Eurídice, a princesa da Trácia.

[9] N.T.: um dos mais famosos de Sir Edward Burne-Jones, britânico, 1833–1898, é a versão final de uma série inspirada no refrão de uma canção bretã antiga: “Hélas! Je sais um chant d’amour, / Triste gai, tour a tour” (Ai, se é uma canção de amor / de vez em quando triste ou de vez em quando feliz). Com suas figuras que lembram a do pintor veneziano do século XV, Vittore Carpaccio e sua paisagem “arturiana” imersa na luz vespertina, A canção de Amor reflete a profunda influência do Renascimento italiano e do movimento pré-rafaelita goticizante.

[10] N.T.: de Sir Edward Burne-Jones, britânico, 1833–1898. 'Laus Veneris', combinando fontes clássicas, medievais e literárias, incorpora temas que foram altamente considerados pelos pré-rafaelitas.

[11] N.T.: de Sir Lawrence Alma-Tadema (1836–1912), pintor britânico, 'Uma audiência em Agripa' mostra a enorme entrada de mármore de um palácio romano dominado pela estátua de Augusto também feita de mármore. A estátua nesta imagem é baseada na escavação de 'Augusto de Prima Porta' em 1894. De acordo com o historiador romano Suetônio, os planos de construção do primeiro imperador Augusto transformaram Roma de uma cidade de 'tijolos humildes' em uma cidade de 'mármore opulento'. O excesso visual do mármore branco na pintura real é acompanhado por uma mensagem de poder político. No canto inferior direito, vemos peticionários cautelosos que desejam oferecer um presente de prata precioso na esperança de favores imperiais (o jarro de prata, baseado em uma réplica de posse do artista, é apresentado em muitas outras pinturas. Em vez de um mundo agradável, esta heliogravura mostra os perigos e riscos de um regime autoritário. Para isso, é importante que o espectador acredite na realidade "material" de tudo o que nela é retratado. Alma-Tadema certa vez brincou com a crítica de arte Helen Zimmern sobre a pele de tigre em o piso de mármore: “Você não consegue vê-lo abanando o rabo?” A reputação de Alma-Tadema cresceu continuamente desde que se mudou para Londres, e uma audiência na casa de Agrippa foi decisiva quando foi exibida na exposição da Royal Academy em 1876.

[12] N.T.: de Sir Lawrence Alma-Tadema. Essa pintura retrata uma história registrada pelo escritor grego do primeiro século, Plutarco: um grupo de bacantes de Phocis despertaram após uma noite celebrando os ritos de Bacus.

[13] N.T.: Arranjo em Cinza e Preto nº1 ou Retrato da mãe do artista (original: Arrangement in Grey and Black No. 1 ou Portrait of the Artist's Mother), famoso sob o seu nome coloquial a Mãe de Whistler (original: Whistler's Mother) de 1871 é uma pintura de óleo sobre tela, do pintor americano James McNeill Whistler. A pintura é 56,81 por 63,94 polegadas (144,3 x 162,4 centímetros), dispostas numa

“, de E. J. Poynter[14]; “Daphnephoria”[15] de F. Leighton; “Harvest Moon”[16] de George Mason; e O “Harbor of Refuge [17]“ de Frederick Walker e, claro, o de Merridew “Deus do Sol.”

Numa das telas desenhada por H. S. Marks, e primorosamente decorada em volta da margem com tarambolas douradas e seus ovos (que eu adoro), eram pequenas joias em óleo e aquarela pelas quais Mary se apaixonou em um momento ou outro. A imortal “Moonlight Sonata”, de Whistler; E. J. Poynter's exquisite “Our Lady of the Fields” de J. Poynter (Paris, 1857); um par de adoráveis ”Bimbi” de V. Prinsep, que parece gostar

---

armação do próprio projeto de Whistler, e agora é propriedade do Musée d'Orsay, em Paris apesar de ocasionalmente fazer turnês mundiais. A pintura é um ícone da arte americana, apesar de raramente aparecer nos Estados Unidos.

[14] N.T.: famosa pintura Sir Edward John Poynter (1836-1919). Uma visita a Esculápio (1880) é um motivo incomum. Embora esta imagem pareça ser noturna, provavelmente está escurecendo por causa do verniz envelhecido e da sujeira: as impressões contemporâneas sugerem que na verdade é ambientado em um dia com iluminação normal. Esculápio, o antigo deus grego da medicina e das artes da cura, está sentado à esquerda, contemplando o pé esquerdo de Vênus, que tem um espinho. Ela é acompanhada por pombas, seus atributos e as três Graças como suas servas. Poynter apresenta as Graças de maneira clássica, com um voltando as costas para o observador e estendendo o braço direito para a figura de Hygieia, filha de Esculápio e a deusa da saúde e saneamento, que está tirando água da fonte à direita. Na borda inferior da pintura é mostrado o bastão de Esculápio, em torno do qual uma cobra está enroscada. Isso não deve ser confundido com o caduceu de Hermes (Trismegistus), que tem duas cobras entrelaçadas. Esta é uma narrativa clássica mais complexa do que as obras anteriores de Poynter, com poucas evidências de qualquer influência estética.

[15] N.T.: de Sir Frederic Leighton (1830-1896) Daphnephoria era um festival realizado a cada nove anos em Tebas, na Beócia, em homenagem a Apolo Ismênio ou Galáxia. Consistia em uma procissão em que a figura principal era um menino de boa família e aparência nobre, cujo pai e mãe deviam estar vivos. Com jovens participantes, a Daphnephoria era capaz de combinar componentes, o que significava um importante estágio ou rito de passagem. Imediatamente na frente deste menino, que se chamava Daphnephoros (portador de louro), caminhava um de seus parentes mais próximos, carregando um ramo de oliveira coberto de louro e flores e tendo na extremidade superior uma bola de bronze da qual pendiam várias bolas menores. Outra bola menor era colocada no meio do galho ou poste (que era chamado de κώπω), que era então entrelaçada com fitas roxas e, na extremidade inferior, com fitas cor de açafrão. Dizia-se que essas bolas indicavam o sol, as estrelas e a lua, enquanto as fitas se referiam aos dias do ano, sendo 365 em número. As Daphnephoros, usando uma coroa de ouro ou uma coroa de louros, ricamente vestidas e segurando parcialmente o mastro, foram seguidas por um coro de donzelas carregando ramos suplicantes e cantando um hino ao deus. O Daphnephoros dedicado um tripé de bronze no templo de Apolo, e Pausanias (IX. 10.4) menciona o tripé dedicado lá por Anfitrião quando seu filho Heracles tinha sido Daphnephoros. O festival é descrito por Proclus, citado por Photius em sua Bibliotheca, códice 239.

[16] N.T.: do pintor britânico George Heming Mason (1818-1872). De 1845 a 1858, Mason morou na Itália, onde desenvolveu uma estreita amizade com o paisagista italiano e revolucionário patriota Giovanni Costa. Juntos, eles desenvolveram um método que chamaram de "o etrusco", que envolvia a preparação de uma imagem monocromática antes de definir a cor final. Após seu retorno à Grã-Bretanha, Mason tornou-se conhecido por suas paisagens idílicas, como pode ser visto nesta cena de colheita. A pincelada fluida e as cores ricas enfatizam a beleza absoluta da cena pastoral, enquanto suprimem a sensação de trabalho árduo que era a realidade da época da colheita.

[17] N.T.: um dos mais famosos quadros de Frederick Walker (1840–1875). Esta pintura foi inspirada por um grupo de idosos vistos sentados do lado de fora de uma igreja. O plano de fundo foi pintado no Jesus Hospital em Bray, perto de Maidenhead. O tema é a passagem do tempo e a inevitabilidade da morte. A juventude é contrastada com a idade, o vigor com a decrepitude e a morte é simbolizada pela foice empunhada pelo jovem. Os velhos embaixo da estátua ouvem um homem lendo, mas também esperam o fim de suas vidas. O brilho quente do pôr do sol sinaliza o fim do dia, mas também fornece uma atmosfera de resignação humana diante da morte.

muito de crianças; T. R. Lamont's tocando “L'Après Dîner de l'Abbé Constantin”, com a doce menina tocando o velho cravo; e aquele trabalho admirável de T. Armstrong, em sua maneira inicial e mais realista, “Le Zouave et lâ Nounou”, para não mencionar esplêndidos esboços de John Leech, Charles Keene, Tenniel, Sambourne, Furniss, Caldecott, etc .; para não mencionar, também, pequenos esboços intermináveis em ponta de prata de um São Bernardo incrivelmente colossal, pintado de preto e revestido de pelo – assinado com um pincel pelo conhecido nome francês de algum trovador alegre, algum mestiço como eu, e que parece ter amado seu cachorro tanto quanto eu amava o meu.

De repente, em meio a todo esse esplendor artístico incomparável, sentimos que algo estava faltando. Havia um certo vazio nisso; e descobrimos que, no nosso caso, os principais motivos para colecionar todas essas coisas bonitas estavam ausentes.

1. Não éramos os únicos possuidores.

2. Não tínhamos ninguém a quem mostrá-los.

3. Portanto, não podemos nos orgulhar deles.

E descobri isto quando queríamos mau tempo, para variar as alegrias de casa, podíamos ser tão felizes como na minha antiga sala de aula, onde estavam os esquilos, o macaco e o ouriço, com cada um de nós em uma poltrona com assento de palha ao lado da lareira, cada um assando castanhas um para o outro, e um livro entre nós, para um de nós ler em voz alta; ou, melhor ainda, os jornais da manhã e da noite que lera algumas horas antes; e é maravilhoso relatar, ela nem os tinha lido quando acordou! Apenas olhou através deles com cuidado, observando o aspecto de cada coluna uma após a outra, de cima a baixo – e ainda assim, ela foi capaz de ler cada palavra do papel dos sonhos que ela segurava em suas mãos – assim realmente digerindo os próprios rumores do jornalismo!

Isso sempre nos pareceu, de uma forma pequena, mas prática, o triunfo mais completo e sinalizador da Mente sobre a matéria que já havíamos alcançado.

Enfim, não que pudéssemos ler muito, tínhamos muito o que conversar.

Infelizmente, o ponto fraco de “Magna sed Apta” era sua biblioteca. Naturalmente, só poderia conter em livros o que um ou outro de nós somente havia lido quando acordado. Ela levava uma vida tão ativa que pouco lazer lhe restava para os livros, e eu só lia como aquele jovem que gosta de ler no seu dia a dia.

No entanto, os livros que lemos foram aproveitados ao máximo e eram tão magnificamente encadernados que até seus autores corariam de orgulho e prazer se estivessem ali para ver. E embora tivéssemos pouco tempo para lê-los novamente,

podíamos desfrutar do verdadeiro deleite bibliófilo[18] de olhar para suas costas, pegá-los, tocá-los e colocá-los cuidadosamente de volta.

Na maioria dessas guloseimas, excursões, festividades e prazeres ao lado da lareira, Mary era naturalmente líder e anfitriã; dificilmente poderia ter sido de outra forma.

Era uma vez uma Mary famosa, de quem se dizia que conhecê-la era uma educação liberal. Acho que posso dizer que ter conhecido Mary Seraskier foi tudo de bom para mim!

Mas, de vez em quando eu fazia uma pequena tentativa de retribuir sua hospitalidade.

Fizemos aglomerações juntos em Clerkenwell, Smithfield, Cow Cross[19], Petticoat Lane[20], Ratcliffe Highway[21] e nas docas das Índias Orientais e Índias Ocidentais.

---

[18] N.T.: colecionador de livros raros e preciosos
[19] N.T.: bairros de Londres, Inglaterra.
[20] N.T. um mercado famoso em Londres, Inglaterra
[21] N.T.: famosas rodovia em Londres, Inglaterra